

CARTAS DE TARÔ E IMAGENS NA MÍDIA: UMA COMPARAÇÃO

Ana Cristina Vidal de Castro Ortiz
(Titi Vidal)

As cartas do tarô

O tarô é um baralho composto de 78 cartas, sendo 22 chamadas maiores, ou principais, e as outras 56 menores, ou secundárias. As cartas do tarô contém imagens simbólicas, também conhecidas como arquétipos.

Sua origem é um tanto incerta. Como diz Liz Greene (2003, p. 7), “as origens das cartas do Tarô, ou seja, quem as teria imaginado, onde, quando e com que objetivo, ainda são muito vagas e obscuras”. Há que afirme que o tarô nasceu como um jogo, assim como o baralho que ainda usamos nos dias de hoje com essa finalidade. Outros entendem que o tarô possui uma origem iniciática, tendo sido feito desde o início para transmitir um conhecimento oculto através dos seus símbolos, acessíveis apenas aos iniciados e imunes à perseguição político-religiosa. Ou seja, apenas quem conhecesse os símbolos e signos ali presentes teria acesso àquelas informações.

Nesse sentido, existe até uma versão que diz que o tarô teria surgido como um livro de gravuras que escaparia à visão dos inquisidores e continuaria “vivo”, transmitindo às pessoas as verdades profundas da vida e o significado do ser. Ou, de alguma maneira, as cartas do tarô seriam uma “velada comunicação de ideias em desarmonia com a igreja estabelecida” (NICHOLS, 2006, p. 20).

Já para quem acredita ter nascido o tarô dos jogos, a explicação para sua linguagem simbólica e arquetípica estaria na sabedoria dos artistas da época, que colocaram nas cartas destinadas aos jogos seu conhecimento.

O fato é que não há muitos registros sobre sua origem, nem livros que falem sobre o assunto, que são poucos e muito recentes,

contendo especulações sobre a história das cartas. Por isso, como define Sallie Nichols (2006, p. 18), o “tarô é um baralho de cartas misterioso de origem desconhecida”.

Na coleção de muitos reis e nobres de séculos anteriores existiam cartas de tarô feitas por artistas renomados da época, algumas inclusive folhadas a ouro. É o caso de Visconti Sforza, do século XV, cujas cartas ainda hoje encontram-se em museus na Europa e Estados Unidos.



Figura 1: Tarô Visconti Sforza, de Milão, século XV.

O uso divinatório do tarô, aplicado à leitura do momento e do futuro das presentes, teria tido origem no século XVIII. Pelo menos é desta época que datam os primeiros registros.

Hoje o tarô é utilizado de diversas maneiras. Há muitos estudiosos sobre o assunto e muitos textos têm sido produzidos. As cartas, nos dias atuais, são muito utilizadas com fins divinatórios. Ou seja, os chamados tarólogos ou cartomantes usam as cartas para acessar o inconsciente e o futuro de seus clientes. Mas, ao contrário do que equivocadamente as pessoas em geral divulgam, isso é feito por conta da linguagem simbólica e arquetípica dos arcanos, e não por

dons místicos ou especiais. O tarô também é utilizado como ferramenta por muitos psicólogos e terapeutas e tem sido estudado por especialistas em linguagem simbólica, interessados em suas narrativas.

A linguagem simbólica do tarô inclui a presença dos arquétipos e símbolos ricos que derivam “de um nível de experiência humana comum a toda a humanidade” (NICHOLS, 2006, p. 23). Citando Jung, a estudiosa do tarô Sallie Nichols (2006, p. 23) fala sobre os símbolos existentes nas cartas, lembrando que representam “alguma coisa que não pode ser apresentada de nenhuma outra maneira e cujo significado transcende todos os específicos e inclui muitos opostos aparentes”. Ou seja, “as figuras nos Trunfos do Tarô contam uma história simbólica” (NICHOLS, 2006, p. 23).

Para compreender o tarô e sua simbologia, podemos conectar seu significado

através da analogia com mitos, contos de fadas, dramas, quadros, acontecimentos históricos, ou qualquer outro material com motivos similares, que evocam universalmente grupos de sentimentos, intuições, pensamentos ou sensações. (NICHOLS, 2006, p. 23)

Assim podemos fazer o caminho contrário, buscando nas diversas narrativas presentes na vida humana e na mídia as conexões com a simbologia dos arcanos do tarô.

Imagens complexas e tarô

Josep M. Català Domènech diz que “as imagens contemporâneas dificilmente são percebidas de maneira isolada” (2005, p. 46, tradução nossa). Ele apresenta a ideia de “constelações visuais”, nas quais as imagens são abertas e tendem à plenitude. Ou seja, podem ser preenchidas por várias coisas e dependem também do que Català Domènech chama de “mirada complexa”, isto é, da visão e complexidade de quem observa.

Nesse sentido, Català Domènech diz que “todas as imagens são temporais, seja porque incorporam a duração através do movimento, seja porque expressam distintas camadas de memória” (2005, p. 49, tradução nossa).

Além disso, Català Domènech fala sobre a tendência de todas as imagens à relação, à rede. Para ele, a imagem contemporânea “se move entre o tempo-movimento-duração e o tempo-estático-memória”. Segundo Català Domènech, “não apenas a imagem contemporânea, como também a percepção contemporânea e com ela a epistemologia contemporânea”. Assim, ele conclui que “a imagem contemporânea é inevitavelmente complexa” (2005, p. 50, tradução nossa).

Mas talvez não apenas as imagens contemporâneas sejam complexas. As imagens do tarô também são abertas, possuem diversas camadas de memória e sua interpretação depende de um olhar complexo, capaz de compreender todo o seu simbolismo. A interpretação de cada carta do tarô depende do olhar complexo de quem observa, bem como do contexto e da relação de cada uma delas com os outros arcanos.

As imagens do tarô possuem todas as características apontadas por Josep M. Català Domènech para que sejam consideradas complexas: opacidade, exposição, reflexividade e interatividade.

Para Català Domènech, a imagem não é mais “uma janela para o mundo, um lugar de trânsito até uma determinada realidade”. Ao contrário, a imagem hoje seria “uma estação final, já que há que se parar para iniciar uma exploração que nos levará a compreender profundamente o real” (CATALÀ DOMÈNECH, 2005, p. 71, tradução nossa). A opacidade inclui o tempo do observador sobreposto ao tempo da imagem. É necessário contemplar para compreender.

As imagens complexas também possuem a qualidade expositiva, ou seja, são capazes de revelar estruturas internas de conhecimento. Essas imagens contêm múltiplos níveis de significado. A qualidade expositiva, segundo Català Domènech (2005, p. 75, tradução nossa), se deriva da opacidade.

Outra qualidade da imagem complexa é a reflexividade. Isso faz com que as imagens complexas possam ser consideradas “multi-imagens” (CATALÀ DOMÈNECH, 2005, p. 80, tradução nossa). Ou seja, são imagens formadas por um conjunto de imagens. Além disso, podem ser consideradas imagens sintéticas que se constituem uma porta ou interface que dá acesso a outros elementos que formam um conglomerado intertextual.

Por fim, as imagens complexas também são interativas, sendo que o processo de interação pressupõe a interface. Esta, por sua

vez, permite que a informação seja organizada e transmitida, e então compreendida pelo usuário ou observador, que também pode atuar sobre a mesma. Assim, a imagem complexa não esgota seu significado na simples visualização. Pelo contrário, sua estrutura visual serve de conexão com outros meios, como o som ou o texto, por exemplo (CATALÀ DOMÈNECH, 2005, p. 82, tradução nossa).

A interface, para Català Domènech, é um modelo de imagem que se transforma em modelo mental. As imagens complexas permitem uma interpretação infinita e dependem também do observador e de seu olhar complexo.

As cartas do tarô apresentam imagens complexas, tendo em vista que contêm suas qualidades essenciais, especialmente por suas camadas de informação, que permitem grande reflexão e interpretação infinita, dependendo do olhar de cada observador.

O tarô na mídia

As imagens do tarô, incluindo seus arquétipos, significados e simbologia, estão amplamente presentes na mídia, seja em músicas ou filmes, ou em acontecimentos importantes noticiados em todo o mundo.

O tarô na música

Um exemplo do tarô na música é *Cartomante*, música de Ivan Lins e Vitor Martins, que ficou famosa na voz de Elis Regina:

Nos dias de hoje
É bom que se proteja
Ofereça a face a quem quer que seja
Nos dias de hoje esteja tranquilo
Haja o que houver pense nos seus filhos
Não ande nos bares, esqueça os amigos
Não pare nas praças, não corra perigo
Não fale do medo que temos da vida
Não ponha o dedo na nossa ferida... Ah...

Nos dias de hoje
Não lhes dê motivo
Porque na verdade
Eu te quero vivo
Tenha paciência
Deus está contigo
Deus está conosco
Até o pescoço
Já está escrito
Já está previsto
Por todas videntes
Pelas cartomantes
Está tudo nas cartas
Em todas as estrelas
No jogo dos búzios
E nas profecias... Ah...
Cai o Rei de espadas
Cai o Rei de ouros
Cai o Rei de paus
Cai, não fica nada!!



Figura 2: Reis de espadas, ouros e paus, *Tarot of the Old Path*.

Outros dois exemplos são as músicas “Alegria, alegria”, de Caetano Veloso, e “A balada do louco”, dos Mutantes. Ambas, apesar de não citarem expressamente o tarô, descrevem perfeitamente os significados presentes no arcano número zero, o Louco, totalmente livre e desapegado.



Figura 3: Algumas reproduções da carta do Louco, arcano zero do tarô.

O tarô vai ao cinema

São inúmeros os filmes nos quais a presença do tarô se faz presente, seja de forma expressa, com a presença de suas cartas, seja por suas imagens, que aparecem como elementos da construção narrativa.

Um bom exemplo é o filme *O Hobbit*, no qual podemos encontrar o sábio Gandalf, o próprio Eremita, arcano número nove do Tarô. No filme, o velho sábio é reprodução fiel tanto à imagem quanto ao significado da carta do tarô, símbolo de sabedoria, cautela e experiência, entre muitos outros.



Figura 4: Cena do filme *O Hobbit* e um exemplo do arcano nove, o Eremita.

Ainda neste filme, a presença da sábia Galadriel, que tanto em termos de imagem como de conteúdo retrata o arcano número dois do tarô, a Papisa ou Sacerdotisa, símbolo do conhecimento intuitivo proveniente do feminino, a conhecedora dos mistérios, do oculto, que carrega o livro da vida.



Figura 5: Cena do filme *O Hobbit* (Galadriel) e dois exemplos do arcano dois do tarô, a Sacerdotisa ou Papisa.

Outro filme que contém forte simbologia das cartas do tarô é *Melancholia*, de Lars Von Trier. A cena final do filme apresenta o dez de paus, arcano menor do tarô, que simboliza o fim. Essa carta representa um fim difícil, depois de muita luta e esforço. Pode simbolizar o alívio pelo fim depois de tantos obstáculos ou a dificuldade de finalizar depois de lutar para que aquilo não acabasse. No filme, duas irmãs e um menino esperam o fim do mundo. Uma das irmãs está tranquila, pois sabe que não há como fugir disso. A outra sofre. As duas faces da mesma carta do tarô em uma imagem que visualmente mostra a carta como ela é.



Figura 6: Cena final do filme *Melancholia* e alguns exemplos do dez de paus, arcano menor do tarô.

Em *As aventuras de Pi*, um menino, durante uma viagem, precisa conviver com um felino que faz parte da tripulação do barco. Para sobreviver, ambos precisam conviver. A imagem lembra o arcano onze do tarô, a carta da Força, que mostra a necessidade de domínio inteligente sobre os instintos como forma de sobrevivência.



Figura 7: Cena do filme *As aventuras de Pi* e um exemplo da carta da Força do tarô (que em alguns baralhos é o arcano oito e em outros o onze).

O filme brasileiro *Natimorto* também contém as cartas do tarô, sendo o próprio cartaz de divulgação uma representação do arcano doze do tarô, o Enforcado.

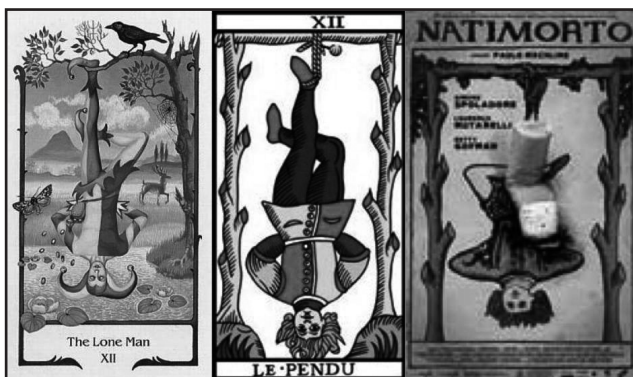


Figura 8: Cartaz do filme *Natimorto* e dois exemplos do arcano doze do tarô, o Enforcado ou o Pendurado.

Muito interessante é o uso do tarô como ferramenta para a condução da narrativa no filme *O violino vermelho*, que conta a história de uma mulher grávida que vai a uma cartomante para saber o futuro de seu filho. A cartomante diz não poder olhar o futuro de seu filho, mas faz previsões para a mulher. A consulente, no entanto, morre no parto, assim como o bebê. Seu marido, que estava construindo um violino para o futuro filho, decide pintar o instrumento com o sangue da mulher e do filho. A partir daí, a narrativa vai sendo conduzida a partir das cartas do tarô, contando a história do violino vermelho ao longo de cinco séculos, sendo cada um deles uma das previsões feitas pela cartomante para a mulher no passado. Cada século, uma carta. Cada carta, uma história, em uma narrativa conduzida pela simbologia dos arcanos do tarô.



Figura 9: Cenas do filme *O violino vermelho*.

Os acontecimentos do mundo nas cartas do tarô

Muitos dos acontecimentos noticiados na mídia também remetem a cartas do tarô. Um exemplo recente foi a palavra eleita pelo dicionário *Oxford* como a palavra de 2013: *selfie*, o autorretrato feito para ser postado nas redes sociais. No tarô, o jovem pajem de copas, que faz referência ao mito de Narciso, fala da necessidade de autocontemplação e de mostrar a própria imagem.

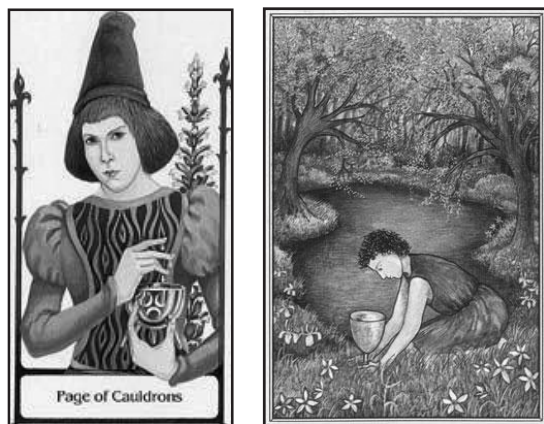


Figura 10: O pajem de copas em *Tarot of the Old Path* e no tarô mitológico – mito de Narciso.

Vejamos também o padre brasileiro que decidiu voar amarrado a balões de ar e que acabou caindo em algum lugar do oceano. Ele retrata o arcano zero, o Louco, que parte em aventura sem saber para onde vai e está prestes a cair num abismo.

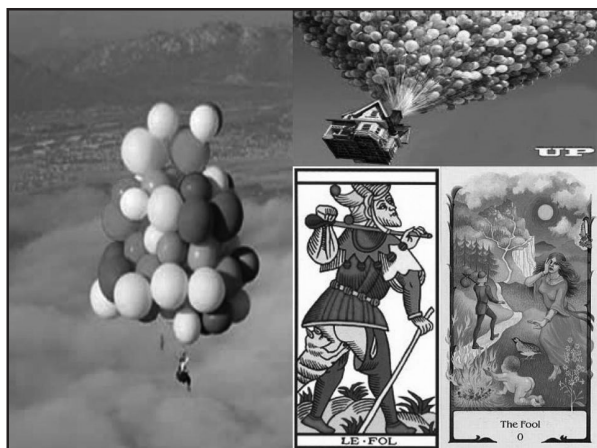


Imagem 11: O padre que tentou voar com os balões, cena do filme *Up – Altas aventuras* e dois exemplos do arcano zero do tarô, o Louco.

Mas o exemplo mais marcante é o atentado de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas.

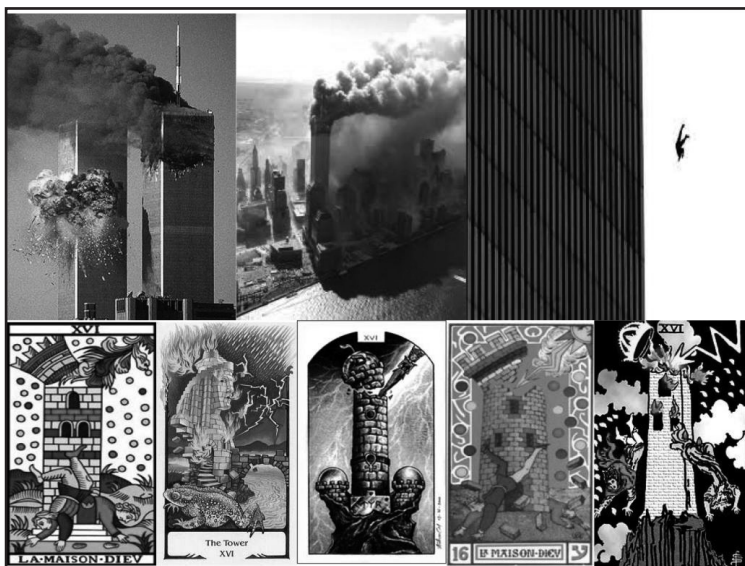


Imagem 12: Imagens do atentado às Torres Gêmeas e exemplos de imagens do arcano número dezesseis do tarô, a Torre.

Basta olhar as imagens para notar a semelhança entre elas. A carta da Torre vem logo depois do Diabo, arcano quinze do tarô. O arcano anterior, o Diabo, também chamado de Tentação em alguns baralhos, representa o auge do poder. É uma carta cuja simbologia remete às tentações, ambições e o poder, especialmente o ligado ao sexo e ao dinheiro. Quando o poder é vivido de forma excessiva, a carta seguinte, a Torre, avisa que a ambição em excesso pode ser punida. Como uma espécie de “castigo divino”, a torre construída alta demais pode ser destruída.

O arcano dezesseis do tarô, a Torre, mostra a elevação do homem, uma tentativa de unir a terra e o céu e de chegar ao topo. Originariamente chamada “a casa de Deus”, a imagem da carta mostra um raio vindo do céu que atinge a torre, derrubando a construção e todos que estavam dentro dela.

O atentado de 11 de setembro de 2001 certamente teve por objetivo atingir as Torres Gêmeas não apenas por sua construção, mas pelo que representavam. Símbolo do poder e do capitalismo americano, as Torres Gêmeas foram atingidas por “um raio divino”, como na carta do tarô. Os aviões que vieram do céu acertaram em cheio seu alvo, surpreendendo não apenas quem ali estava, mas todo o mundo, que assistiu, ao vivo, o atentado à segunda torre. Não caíram apenas as Torres, mas também muito do que representavam. Foi um evento que fez o mundo repensar muita coisa.

A carta da Torre em uma leitura de tarô chama para a realidade. Faz repensar tudo que estamos vivendo. Indica uma grande crise em que todos os valores e conceitos precisam ser revistos. Mostra a ilusão das nossas construções, sejam elas internas ou externas, e pede desapego e libertação. A carta seguinte, a Estrela, em uma narrativa bastante coerente trazida pelos arcanos do tarô, mostra uma mulher nua despejando dois potes de água, um deles na terra, o outro na água, lembrando que, após a destruição do que não tinha base nem estrutura para se manter em pé, fica apenas a essência e aquilo que vale a pena. É também uma carta que fala da fé e da esperança que precisamos ter em meio ao caos e depois que perdemos tudo, pois nada fica como era antes após um evento da proporção que a carta da Torre apresenta.

Para Sallie Nichols (2006, p. 279), simbolicamente, “a torre era concebida, a princípio, como veículo para ligar o espírito à matéria”. O português Paulo Cardoso (1991, p. 27) lembra que

qualquer torre exprime um desejo de **elevação** do Homem para além da sua natureza. Ela traduz, simbolicamente, a sua intenção de se aproximar da entidade divina. Representa a tentativa humana de estabelecer uma ponte de ligação ao céu, ao cosmos, ao infinito... No Tarot, ela é simbolizada pelo Arcano XVI [...] e aí é evidente o sentido de destruição daquela edificação.

De acordo com Jean Baudrillard, “os atentados do 11 de setembro têm a ver também com a arquitetura” (BAUDRILLARD, 2004, p. 32). Segundo ele,

dois dos edifícios mais importantes de Nova York foram destruídos e foi uma certa arquitetura que foi atingida ao mesmo tempo que todo um sistema de valor ocidental e uma ordem mundial. (BAUDRILLARD, 2004, p. 32)

Para ele, as torres também significaram “uma pausa na verticalidade”, já que foram construídas de forma diferente que os arranha-céus já existentes. Por sua construção em duplicidade e “sem rosto”, “no reflexo exato de uma sobre a outra”, fazem desaparecer a “retórica do espelho”, fazendo com que restasse

somente uma espécie de caixa-preta, uma série fechada no número dois, como se a arquitetura, à imagem do sistema, fosse proveniente de clonagem ou de um código geneticamente imutável. (BAUDRILLARD, 2004, p. 32)

Baudrillard também afirma que “Nova York é a única cidade no mundo que retrata [...] a forma atual do sistema e todas as suas peripécias”. Por isso,

o desmoronamento das torres – acontecimento em si mesmo sem par na história das cidades modernas – prefigura uma forma de finalização dramática e [...] de desaparecimento ao mesmo tempo dessa forma de arquitetura e do sistema mundial que ela encarna. Na pura modelização informática, bancária, financeira, contável e numérica elas eram, de alguma forma, o cérebro desse sistema e, atacando-as, os terroristas atacaram o cérebro, o centro nevrálgico do sistema. (BAUDRILLARD, 2004, p. 34)

Baudrillard acrescenta que se “a violência mundial passa também pela arquitetura”, a “contestação violenta dessa globalização passa também pela destruição dessa arquitetura” (2004, p. 34).

Indo ao encontro do simbolismo da carta da Torre, o atentado às Torres Gêmeas trouxe o medo e a necessidade de repensar tudo. Se antes a ambição era chegar ao topo, agora existe um medo de se fechar – e morrer – dentro da torre. Ou, nas palavras de Baudrillard, o atentado gerou “o pavor de morrer nessas torres”, sendo esse pavor “inseparável do pavor de viver nelas”. Para ele “o pavor de viver

e de trabalhar nesses sarcófagos de concreto e de aço” (2004, p. 35) passou a fazer parte do imaginário coletivo.

Baudrillard aborda também a “fascinação ambígua” despertada pelas Torres Gêmeas, “um sentimento contraditório de atração e de repulsa, e, pois, em algum lugar, um desejo secreto de vê-los desaparecer” (2004, p. 35).

A carta da torre também gera essa espécie de atração e repulsa, especialmente se pensamos nela dentro de sua narrativa natural, pois a carta anterior, o Diabo, fascina e assusta. Queremos viver seus prazeres e desejos, somos tentados por seu poder. Por outro lado, tememos o que pode acontecer, pois podemos ser destruídos ou punidos por nossos excessos.

Para Baudrillard também a própria forma simétrica das Torres foi perfeita para atrair o atentado, oriundo também da tentação de quebrar sua simetria e “restituir uma assimetria e uma singularidade” (2004, p. 35). Segundo ele, a “própria destruição das torres respeitou a assimetria delas: dupla agressão com alguns minutos de intervalo” (2004, p. 35). O “suspense entre os dois impactos” foi importante, já que após o primeiro “poder-se-ia ainda acreditar num acidente”. Mas, apenas “o segundo impacto assina o ato terrorista” (2004, p. 36).

Seguindo sua linha de raciocínio, Baudrillard afirma que o “desmoronamento das torres é o acontecimento simbólico mais importante” (2004, p. 36). Nesse sentido, ele nos convida a imaginar o que teria acontecido caso as torres não tivessem desmoronado. Segundo ele, “de alguma forma o efeito teria sido o mesmo”, mas a “prova evidente da fragilidade da potência mundial não teria sido a mesma”, já que as “torres, que eram o emblema dessa potência, encarnaram-na ainda no fim dramático que tiveram”. Para ele, isso “se assemelha a um suicídio”, o que ficou claro para quem assistiu o desmoronamento delas “por si mesmas, como numa implosão”, passando a impressão “de que elas se suicidavam, em resposta aos suicídios dos aviões-suicidas”. Então, vem a pergunta: “As Twin Towers foram destruídas ou desmoronaram?”. Ele continua explicando sua pergunta: as duas torres são, ao mesmo tempo, um objeto físico arquitetônico e um objeto simbólico (símbolo do poderio financeiro e do liberalismo mundial). Assim, continua Baudrillard, o “objeto arquitetônico foi destruído, mas é o objeto simbólico que era visado e queriam aniquilar”. Seu pensamento leva à conclusão

de que “poder-se-ia pensar que foi a destruição física que levou ao desmoronamento simbólico”. No entanto, “na realidade, ninguém – nem mesmo os terroristas – contava com a destruição total das torres”. Assim, foi “seu desmoronamento simbólico que levou ao desmoronamento físico e não o contrário” (2004, p. 36-37).

Baudrillard (2004, p. 37) fala, ainda, da “potência que possuía essas torres perdesse bruscamente toda energia, toda força, como se essa potência arrogante” – arrogante tal qual o Diabo do tarô – “cedesse bruscamente sob o efeito de um esforço intenso demais: justamente o de querer sempre ser o único modelo do mundo”.

E então Baudrillard conclui que as torres, “cansadas de serem esse símbolo pesado demais para ser carregado, desmoronaram, desta vez fisicamente, totalmente” (2004, p. 37). Mais uma curiosa conexão com a carta da Torre, que afirma um peso pesado demais, algo que não pode mais ser suportado e então desmorona, em geral por si mesmo, apesar da aparente intervenção de um raio divino que coloca tudo abaixo.

É como se o “desmoronamento simbólico” tivesse acontecido “por uma espécie de cumplicidade imprevisível – como se o sistema inteiro, por causa de sua fragilidade interna, entrasse no jogo de sua própria liquidação, isto é, no jogo do terrorismo” (BAUDRILLARD, 2004, p. 37). Ou seja, uma espécie de acordo com o próprio Diabo, que antecede ao grande desmoronamento, a carta da Torre do tarô. Ou, nas palavras de Baudrillard, é “bastante lógico e inexorável que o poder crescente da potência exacerbasse a vontade de destruí-la”. Mais do que isso, “de alguma forma ela é cúmplice de sua própria destruição” (2004, p. 37).

É muito interessante a constatação de Baudrillard sobre o quanto esse atentado já estava no imaginário coletivo. Para falar sobre isso ele lembra os “inúmeros filmes-catástrofes dão testemunho desta fantasia, que conjuram pela imagem e pelos efeitos especiais” (2004, p. 38). Há aqui, também, uma interessante conexão com a narrativa presente no tarô, cujas cartas existem pelo menos desde o século XIV ou XV, com uma imagem que reproduz literalmente o atentado que aconteceu no início do século XXI.

Baudrillard conecta essa fascinação e essa presença prévia do atentado no imaginário coletivo a uma “denegação de todo sistema, inclusive a denegação interna, sendo tanto mais forte quanto mais ele se aproxima da perfeição e do poder absoluto” (2004, p. 38).

Outro ponto interessante abordado por Baudrillard é sobre a “questão de saber o que será preciso reconstruir no lugar das torres”. Para ele, esta é uma questão “insolúvel”, já que “não se pode imaginar nada de equivalente que valha a pena ser destruído – que seja digno de ser destruído”. De acordo com seu pensamento, as Twin Towers “valiam a pena ser destruídas” (2004, p. 38). Tal qual a simbologia do arcano dezesseis do tarô, a Torre, depois da destruição nada mais fica como era antes. É preciso reconstruir de outra maneira e não há mais como voltar atrás.

O atentado de 11 de setembro realmente foi um acontecimento único no mundo, e acontecimento e imagem estiveram juntos. Para Baudrillard (2004, p. 41), na verdade, a própria imagem transformou-se no acontecimento. Ele ainda aponta a “superfusão do real e da ficção” presente nesse acontecimento. Ou seja, foi um acontecimento “simbólico total”. O atentado remete também a uma “ficção que ultrapassa a ficção” (2004, p. 44), já que foi “imaginado como roteiro [...] por Hollywood ou pela CIA, mas jamais foi imaginado como possível”. A não ser nas cartas do tarô, cuja narrativa sempre alertou para o risco da destruição vinda por um raio divino, ou algo vindo do céu, capaz de desmoronar todo um sistema e fazer com que nada mais seja como era antes.

O atentado, de certa forma, acordou o mundo e fez com que todos ficassem tocados, refletindo sobre o possível e o impossível, sobre os sistemas e valores, sobre vulnerabilidade e poder e sobre tantas outras coisas.

No livro *Meditações sobre os 22 arcanos maiores do tarô*, de autor desconhecido, o décimo sexto arcano maior do tarô, a Torre, é visto como “uma advertência para todos os autores de ‘sistemas’ que dão papel importante à mecanicidade: sistemas intelectuais, práticos, políticos, sociais e outros”.

Conhecer a simbologia do tarô e saber o significado da Torre, não apenas por si mesma, mas dentro de toda a sua narrativa, ajuda a compreender a importância e as origens desse acontecimento único na história, que, apesar do caos, do medo, do sofrimento e da morte, trouxe oportunidade para repensar e transformar, pois uma vez que as estruturas são abaladas – e destruídas – outra forma de construção precisa surgir e, com isso, o mundo precisa mudar.

Algumas considerações sobre o tarô e a mídia

A simbologia do tarô pode ser analisada como uma narrativa, uma das muitas formas de compreensão da vida humana. Mas, para que isso seja possível, os arcanos devem ser analisados de forma conjunta. Como diz Alejandro Jodorowsky (2010, p. 39, tradução nossa), “para compreender esses múltiplos símbolos há que ser visto como um símbolo final, que forma a totalidade de elos, uma mandala”. Ele ainda cita Carl Gustav Jung, lembrando o significado da mandala, que é uma “representação da psique”.

Por ser uma forma de narrativa repleta de símbolos e significados, o tarô pode ter conexão com outras áreas do conhecimento e, ainda, ser utilizado como uma forma de compreensão da vida humana e dos acontecimentos mundanos. Isso fica especialmente claro em um evento tão marcante como o atentado de 11 de setembro, que séculos antes já estava representado de forma simbólica nas cartas do tarô.

Seja pela natureza simbólica ou oracular, seja pela complexidade das imagens presentes em suas cartas, o tarô permite uma narração profunda e complexa dos acontecimentos e uma melhor compreensão do que vemos em muitos filmes, por exemplo, alguns com a representação fiel daquilo que está contido nos arcanos.

Assim, podem ser feitas infinitas relações entre tarô e mídia, seja por seus arquétipos e natureza simbólica, seja pela narrativa presente em suas cartas, cuja simbologia está fortemente presente na mídia, das mais diversas formas, sendo que em muitos casos com imagens que permitem a conexão imediata, até mesmo para quem não tenha tanto conhecimento sobre a simbologia de tais arcanos e arquétipos.

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. *A violência do mundo*. In: BAUDRILLARD, Jean; MORIN, Edgar. *A violência do mundo*. Rio de Janeiro: Anima, 2004. p. 32-56.
- CARDOSO, Paulo. *Mar português e a simbólica da Torre de Belém*. Lisboa: Estampa, 1991.

CATALÀ DOMÈNECH, Josep M. *La imagen compleja: la fenomenología de las imágenes en La era de La cultura visual*. Barcelona: Ed. Universitat Autònoma de Barcelona, 2005.

_____. *La imagen interfaz: representación audiovisual y conocimiento en la era de la complejidad*. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2010.

GREENE, Liz. *O tarô mitológico*. São Paulo: Arx, 2003.

JODOROWSKY, Alejandro. *La via del Tarot*. España: Desolsillo, 2010.

NICHOLS, Sallie. *Jung e o Tarô: uma jornada arquetípica*. São Paulo: Cultrix, 2006.

MEDITAÇÕES sobre os 22 arcanos maiores do tarô. São Paulo, Paulus: 2005.

Figuras

Figura 1: Tarô Visconti Sforza, Milão, século XV (disponível em: <<http://www.astroamerica.com/t-visc.html>>; acesso em: 23 nov. 2013).

Figura 2: Reis de espadas, ouros e paus. **Tarot of The Old Path**, Cosmic Tarot, Editora U. S. Games Systems Inc.

Figura 3: O louco, arcano zero. Tarôs Rides Waite, Cósmico e outros. Imagem do site disponível em: <<http://astrodestino.com.br/aquario-vibracao-do-numero-5-o-louco/>>; acesso em: 22 out. 2014.

Figura 4: Cena do filme *O Hobbit* (disponível em: <<http://www.flickr-sandbits.com/2012/08/14/ian-mckellens-gandalf-the-grey-gollum-the-dwarves-feature-in-new-the-hobbit-an-unexpected-journey-images/29936/>>; acesso em: 28 ago. 2014) e o Eremita (Tarot of The Old Path. Editora U. S. Games Systems Inc.).

Figura 5: Cenas do filme *O Hobbit* (disponível em: <<http://www.cinemaevideo.tv/2013/04/02/o-hobbit-uma-jornada-inesperada-curiosidades-do-figurino-e-maquagem/>>; acesso em: 28 ago. 2014) e a Papisa (Tarot of The Old Path e Rider Waite).

Figura 6: Cena do filme *Melancholia* (disponível em: <<http://www.terracotabolsas.com/rato/index.php/tag/melancholia/>>; acesso em 28 ago. 2014) e alguns exemplos do dez de paus (Tarot of The Old Path, Rider Waite, Mitológico e outros).

Figura 7: Cena do filme *As aventuras de Pi* (disponível em: <<http://portal.julund.com.br/filmes/as-aventuras-de-pi-o-filme>>; acesso em 28 ago. 2014) e a carta da Força (Tarot of The Old Path).

Figura 8: Arcano o Enforcado (Tarot of The Old Path e Marselha) e cartaz do filme *Natimorto* (disponível em: <<http://contraversao.com/o-natimorto-deu-origem-a-obra-literaria-de-mutarelli/>>; acesso em 28 ago. 2014).

Figura 9: Cenas do filme *O violino vermelho* (disponíveis em: <http://www.clubedotaro.com.br/site/t78_Zoe-Violino.asp>; acesso em: 28 ago. 2014).

Figura 10: Pajem de copas (Tarot of The Old Path e Mitológico).

Figura 11: Figura do padre que tentou voar com balões e caiu (disponível em: <<http://culturaaeronautica.blogspot.com.br/2009/09/os-baloes-do-padre-carli.html>>; acesso em: 26 nov. 2013), cena do filme *UP – Altas aventuras* (Pixar, diretor Pete Docter) e o Louco (Tarot of The Old Path e Marselha).

Figura 12: Imagens do atentado de 11 de setembro às Torres Gêmeas (disponíveis em: <<http://www.ojornalnet.com.br/novo/2011/09/veja-fotos-de-11-de-setembro/>>; acesso em: 25 nov. 2013) e cartas da Torre (Tarot of The Old Path, Marselha, Carbônico, Rider Waite e outros).

Filmes

O violino vermelho. Direção: François Girard. Canadá/Itália/Reino Unido: Warner Bros, 1998.

O Hobbit. Direção: Peter Jackson. Nova Zelândia/Reino Unidos/Estados Unidos: Warner Bros, 2012.

Melancolia. Direção: Lars Von Trier. Dinamarca/Suécia/França/Alemanha: Califórnia Filmes, 2011.

Site

Clube do Tarô. Disponível em: <<http://www.clubedotaro.com.br>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

Ana Cristina Vidal de Castro Ortiz (Titi Vidal)



Astróloga, taróloga e terapeuta. Atende e ministra cursos e palestras. Foi vice-coordenadora do Estado de São Paulo e Vice-Presidente da CNA – Central Nacional de Astrologia. Colunista de sites, revistas, jornais e televisão. Autora do *CBA – Caderno Brasileiro de Astrologia* n. 19: Amor e Astrologia: em busca de relacionamentos melhores. Coautora dos livros *Comunicação em Cena* volumes 2 e 4, com os textos “Astrologia nas redes sociais: uma nova forma de compartilhar o céu” e “Do olhar crítico à visão compreensiva: olhando a Astrologia através da(s) janela(s)”. Formada em Direito, atuou como advogada especialista em Direito da Família e das Sucessões. Pós-graduada em Comunicação Social, área Comunicação Jornalística, e mestranda em Comunicação, área Comunicação na Contemporaneidade, na Faculdade Cásper Líbero. Autora do site: www.titival.com.br.

Contatos: titival@titival.com.br.